

5ª Parte

Transcrições

Herman, no Ano de seu Centenário

*José Bonifácio Câmara**

O Brasil está comemorando este ano o centenário do nascimento de Herman Lima, que ocorreu a 11 de maio. O Ceará não pode ficar ausente nas homenagens que estão sendo prestadas ao grande escritor cearense. Aqui vai um pequeno relato sobre sua vida.

Herman de Castro Lima nasceu em Fortaleza a 11 de maio de 1897, filho de Antônio Silva Lima, natural de Aracati, e de D. Julieta Demarteau de Castro Lima. Fez o curso primário na escola pública de D. Ifigênia Amaral, professora muito conceituada na capital cearense. Nunca cursou o ginásio, pois começou logo a trabalhar para ajudar no orçamento doméstico. Costumava dizer que saiu da escola primária diretamente para a Faculdade de Medicina da Bahia.

Seu primeiro emprego, em 1912, foi na afamada fotografia Olsen, onde trabalhou dois anos como auxiliar, passando para a Secretaria da Fazenda, onde conheceu Alcides Mendes, que orientou as suas leituras, emprestando-lhe livros de Eça de Queiroz, Fialho d'Almeida, Flaubert, Maupassant, Camilo, José de Alencar e outros, além de estimular a sua vocação para as letras. Dois anos depois ingressou no comércio, como auxiliar de escritório, onde trabalhou quatro anos.

Em 1919 o Ceará foi assolado por nova seca. Esse fenômeno cíclico, que tantos prejuízos causou à nossa terra, teve influência marcante na vida de Herman Lima: pela interveniência de Mário Linhares, deixou o escritório comercial e foi servir na Inspetoria de Secas, que iniciara a construção da estrada de rodagem Aracati-Morada Nova-Quixadá, para dar trabalho aos flagelados. Era o fiscal da turma.

* José Bonifácio Câmara é advogado, bibliófilo e Acadêmico Honorário da Academia Cearense de Letras.

Ouçamo-lo:

“Em nenhuma outra fase da minha vida fui tão outro, tão diverso de tudo que fora e seria depois, como naquele duro interregno de trabalho de campo, entre engenheiros, feitores e capatazes, *cassacos* e caboclas em flor, em que se moldava, no barro dúctil da minha juventude cheia de curiosidades gerais, naquele insólito avatar que eu jamais reencontraria depois, no decorrer da minha existência.

Realmente, não há como explicar doutro modo do que o rapazinho tímido, de pouco de 20 anos, cuja vida decorrera até então em mansa quietude, à sombra do velho casarão da infância e da adolescência, entre cajueiros copados e coqueiros batendo no ar em brando cicio, diante da faixa do mar verde polido, virasse duma hora para outra, *cowboy* do *West*, a repintar, em carne e osso, os fantasmas da tela muda, quando Tom Mix era o mocinho dos *westerns* da Fox”.

Era a descoberta do sertão, do meio adusto e da terra calcinada, do homem forte e resistente como os cactos, dos animais e das plantas ressequidas - cenários e tipos que ele pintou tão bem no conto (ou novela) que dá título ao seu primeiro livro. Era o reencontro com as origens sertanejas da família paterna. Estava agora forjada a sua personalidade de cearense-integral que ele o foi até o fim da vida.

Voltando a Fortaleza, em 1921 foi nomeado, por concurso, escriturário da Delegacia Fiscal, transferindo-se no ano seguinte para idêntica repartição em Salvador. Lá completou os “preparatórios” e ingressou na tradicional Faculdade de Medicina da Bahia, formando-se em 1926, sendo o orador da turma. No ano seguinte defendeu tese de doutoramento sob o título “As Facies da Criança”.

Mas voltemos à Bahia. Após a formatura e esgotado pelos estudos e pelo trabalho, foi clinicar no interior, escolhendo, pela salubridade do clima, a cidade de Lençóis, na lendária região de Lavras Diamantinas. Ali bebeu inspiração para o romance *Garimpos*.

Em 1931 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu 50 anos, indo servir inicialmente no Tesouro Nacional. Em 1933 foi requisitado para trabalhar no Gabinete Civil do Presidente Getúlio Vargas, que o designou, em 1937, para a Delegacia do Tesouro Nacional de Londres. Ficou na Europa até 1940, e teve a oportunidade de conhecer

vários países. Desse interregno na Inglaterra resultaram os seus livros de viagens *Na Ilha de John Bull* e *Outros Céus, outros Mares*.

Logo após o seu regresso ao Rio de Janeiro, iniciou a exaustiva pesquisa sobre a caricatura no Brasil, trabalho que lhe tomou 23 anos. Em 1967, publicou *Poeira do Tempo*, um dos pontos mais altos da memorialística brasileira.

Trabalhador infatigável, escreveu até lhe faltar a visão, vindo a falecer no dia 21 de junho de 1981, pouco menos de um ano após o desaparecimento da esposa, que ocorreu no dia 14 de julho de 1980. (**)

** Transcrição: Jornal O POVO, Fortaleza, 20 set. 1997.